

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## RESENHA

### *CETICISMO EM CHAVE DIALÉTICA*

BICCA, Luiz. *Ceticismo antigo e dialética*. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras/Puc-RJ, 2016.

Por Francisco Moraes (UFRRJ)

O último livro de Luiz Bicca, *Ceticismo antigo e dialética*, publicado este ano (2016) pela editora 7 Letras em conjunto com a PUC-RJ, é uma demonstração de que história da filosofia e investigação filosófica não só não se opõem como chegam a render alguns de seus melhores frutos ao caminharem juntas. O livro em questão é o resultado de um envolvimento de mais de uma década do autor, professor do departamento de filosofia da UERJ, com a temática do ceticismo, que já redundou na publicação de um livro (*Ceticismo e relativismo*. Rio de Janeiro: Ed. Ideias e letras, 2012) e de diversos artigos em revistas especializadas. Segundo Danilo Marcondes, que escreve a apresentação do livro, “sendo o autor já um interlocutor amplamente reconhecido pelos pesquisadores da temática cética em nosso contexto”, o livro recém publicado “retoma e aprofunda os temas tratados anteriormente, abrindo novos caminhos”.

E são muitos, realmente, os caminhos que nos levam a prestar atenção ao que disseram e fizeram esses homens teimosos e inventivos que, em conexão com a mais poderosa tradição do filosofar antigo: a dialética, não cessaram de denunciar o dogmatismo e a inconsistência das construções filosóficas, em sua tão sintomática recusa das aparências e busca ansiosa de um fundamento último auto-evidente. O passo importante na argumentação que Luiz Bicca nos oferece é o de não ter cedido à oposição excludente e, por que não dizer, escolar, entre ceticismo como atitude antidogmática e o presumido dogmatismo da filosofia clássica. Sem deixar de assinalar a singularidade da atitude cética, Bicca põe em destaque justamente a raiz comum do ceticismo e das filosofias de Platão e Aristóteles, acentuando o seu parentesco. O grande mérito do livro de Luiz Bicca, antecipamos, é o de ter conseguido inserir o ceticismo

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

no coração mesmo da filosofia, mostrando sua proveniência socrática e mesmo pré-socrática. De Parmênides e Zenão a Sócrates e aos megáricos, a dialética desdobrou-se em veios nem sempre excludentes entre a ambição de uma escalada rumo ao bem e à verdade, ao melhor estilo platônico presente na *República*, e a insistência na argumentação *ad hominem*, no *elenchos*, e no caráter terapêutico e libertador das *aporiai*. O teste e o exame das posições assumidas e recomendadas nunca deixou de ocupar um lugar insigne na ciência e no filosofar antigos, seja como propedêutica para a ciência propriamente dita seja como compromisso público de uma vida filosófica. É o espírito *zetético* da filosofia que ecoa nas palavras de um Sócrates já condenado à morte: “uma vida sem exame não merece ser vivida!”, e que transparece uma vez mais no método diaporético em Aristóteles e na sua insistência, nem sempre bem compreendida, de passar em revista, primeiramente, as opiniões e doutrinas de seus predecessores.

Partindo da caracterização já amplamente difundida da filosofia como modo de vida, cara a Pierre Hadot, Luiz Bicca acentua o compromisso ético-existencial dos filósofos antigos com a *eudaimonia*, que fazia com que se considerasse filósofo ou mesmo sábio “um homem que não havia escrito nada ou nada ensinado, mas vivia em conformidade com certo modo de vida.”(p.11) Expondo de maneira muito clara, nessa linha, o parentesco do ceticismo com as duas outras grandes escolas filosóficas do período helenístico: o epicurismo e o estoicismo, e em comum acordo com Gisela Stricker, um de seus muitos interlocutores qualificados ao longo do livro, ao lado de Victor Brochard, Richard Bett, Jacques Brunschwig, Burnyeat entre outros, Bicca sublinha que, em virtude da busca da tranquilidade ou paz de espírito (*ataraxia*), esta vem a ser a “única concepção de eudaimonia na ética grega a identificar a felicidade com um estado de espírito ou da alma, fazendo-o depender inteiramente da atitude e das crenças de uma pessoa.” (p.30/31) Inclusive, ainda no que diz respeito à íntima conexão entre filosofia e *ataraxia*, parte fundamental da investigação histórico-filosófica empreendida por Bicca consiste no esforço de determinar a singularidade da atitude filosófica de Pirro, o que abre caminho para um tratamento extremamente cuidadoso da conhecida, mas ainda pouco explorada, ligação de Pirro com os chamados gimnosofistas indianos através do asceta Calanos, alguém que, segundo Diógenes Laércio, esteve próximo a Pirro e Anaxarco por ocasião das expedições de Alexandre ao Oriente. Este vínculo é desenvolvido, de maneira muito instigante, mediante uma aproximação do indiferentismo de Pirro com o budismo no capítulo 2 intitulado “Pirro na Índia”. No entanto, o esforço de buscar a singularidade do

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

ceticismo mediante a tentativa de delimitação do chamado “ceticismo original de Pirro”, não conduz o autor à armadilha de defender a pureza do movimento inicial contra as presumidas deturpações posteriores. Muito ao contrário, Bicca procura apresentar o ceticismo como um movimento dinâmico, vivo, sensível, inclusive, às objeções de seus adversários estoicos ou peripatéticos. É o que se verifica na reabilitação da dialética pelo pirronismo posterior, com Enesidemo, na transformação da *apatheia* de Pirro em *metriopatheia* (moderação do sentimento) em Sexto Empírico, bem como na elaboração, por Carnéades, no âmbito do ceticismo acadêmico, da teoria do *pithanón* ou representação persuasiva, em resposta aos estoicos, a qual teria tornado a apreensão irrelevante para a ação.

A originalidade do ceticismo não estaria, portanto, ali onde normalmente se costuma imaginar, a saber, na intransigência estreita da simples negatividade de uma recusa a todo e qualquer assentimento, a toda e qualquer opinião ou crença, negatividade que conduziria ao extremo da *apraxia* ou da inação. Em suas duas vertentes principais, amplamente independentes entre si, a originalidade do ceticismo estaria no traço comum de exercício terapêutico; é que se, por uma lado, o ceticismo pirrônico inicial, em sua prevenção em relação à dialética, visava a uma espécie de salvação através da sabedoria (p. 33), consistindo essa última numa “aceitação das aparências” (as leis e os costumes do lugar onde se vive) e não em uma fuga para qualquer plano idealizado, atitude que, segundo Bicca, seria um erro confundir com conformismo ou submissão(p.32); o ceticismo acadêmico, por sua vez, como dialética negativa (expressão cunhada por Cícero nos *Acadêmicos*), visava combater, de maneira igualmente resoluta, as duas “inclinações fáceis da razão humana”: o absolutismo (universalismo) e o relativismo, em relação aos quais esta última não cessaria de oscilar. Uma dialética negativa, nos diz Bicca,

seria, assim, uma espécie de tratamento ininterrupto, um meio de decifrar aquela condição oscilante; e, como terapêutica, significa uma terapêutica que é eficaz para assinalar o horizonte do conhecimento humano, incapaz de renunciar à verdade, mas também incapaz de alcançá-la ou apreendê-la de uma vez por todas. Uma tal dialética serviria ainda para mostrar a copertença daqueles dois polos da teorização e do filosofar, relativismo e absolutismo (ou universalismo), que se desenharia numa circularidade crônica, onde ambos se ligariam internamente e se desmentiriam sucessivamente, numa estrutura típica da paradoxia.” (p.177)

Como, porém, compreender ‘a atitude de Pirro’, esse homem avesso às discussões filosóficas e que vivia retirado por vontade própria? Um erro comum, que o livro de Bicca trabalha para ajudar a corrigir, é o de associar o ceticismo ao “desmoronamento de algum

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

discurso dogmático fundacionista, ao fim das esperanças levantadas pelas fantasias e promessas, a rigor feitas por mentes dogmáticas.”(p.71) Esse equívoco teria a sua origem, como assinalou certa vez Pierre Pellegrin, na tradução do verbo grego *aporein* por “dubito”, na Renascença, por Henri Estienne, tradutor das *Hipotiposes pirrônicas* de Sexto Empírico para o francês. Ora, o cético antigo, ao contrário, não duvida minimamente da indução ou da existência do mundo exterior. Ele, na verdade, se encontra, em cada questão, diante de afirmações opostas, às quais ele atribui igual força de convencimento (*isostenia*). A atitude de Pirro seria assim, marcadamente, a atitude suspensiva designada pelo termo *epoché*. Ocorre, porém, que a principal fonte histórica que nos dá acesso ao pensamento de Pirro, uma vez que este, tal como Sócrates, nada escreveu, a saber: um fragmento do livro *Parì Philosophias* do peripatético Aristócles intitulado “Contra aqueles que seguiam Pirro, chamados céticos ou eféticos, que afirmavam que nada é compreensível”, e que fora recolhido por Eusébio de Cesaréia(sec.IV d.C) em sua *Preparatio Evangelica* (XIV,18,26), mostra que Pirro fala sobre as coisas em si mesmas e não sobre a nossa capacidade ou não de apreendê-las em sua natureza, em sua ‘realidade’. Portanto, nos diz Bicca, “não seria tanto Pirro quem seria “indiferente” a tudo, como se convencionou descrevê-lo, a indiferença residiria sobretudo nas coisas – as quais, aliás, não “são”, mas se esgotariam em seu aparecer.” (p.59/60) Daí que Bicca corrobore a posição assumida por Marcel Conche, segundo a qual a noção de *epoché* seria uma noção tardia, ligada à luta antidogmática, não sendo, de modo algum, uma noção de Pirro. A disposição fundamental de Pirro, esse “budista para a Grécia” (Nietzsche), seria antes a do não julgamento: o abandono definitivo da esfera do juízo como lugar da verdade. (p.61) Segundo Conche, na leitura de Bicca, a aparência como nada não é aquele puro nada (como na *Lógica* de Hegel), um nada meramente negativo, o simples contrário do puro ser. Trata-se em Pirro, - vale dizer, de modo muito semelhante ao budismo, de dissociar o “há” ou “existe” do ser: o que “há” é a aparência. Essa aparência, conforme nos mostra Bicca, esse “nada” mereceria ser comparado ao nada da angústia, tal como este é pensado por ninguém menos que Heidegger. (p.29) De fato, tal como em Heidegger, a indeterminação pirrônica, longe de conduzir o indivíduo à instabilidade e à inquietação, livra-o precisamente da ansiedade e da perturbação emocional e intelectual. Nela sobrevem-lhe a serenidade. A filosofia, ao contrário, segundo o pirronismo, pode impedir-nos de atingir a felicidade. Sexto Empírico, mais tarde, evitará fazer da *ataraxia* uma convicção ou crença férrea do cético, afirmando que esse fim, a serenidade da mente, é atingido por acaso, sem preocupação obsessiva com ela.

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

Ora, isso é muito semelhante ao que diz Heidegger em sua controversa aula inaugural de 1929:

A angústia do audaz não tolera contraposição alguma à alegria ou mesmo à agradável diversão do tranquilo abandonar-se à deriva. Ela situa-se – aquém de tais oposições – em uma secreta aliança com a serenidade e com a doçura do anelo criador. A angústia originária pode despertar a qualquer instante no ser-aí. Para tanto, ela não necessita ser despertada por um acontecimento inusitado. À profundidade de seu vigorar corresponde a insignificância do elemento que pode provocá-la. Ela está continuamente à espreita e, contudo, apenas raramente salta sobre nós para arrastar-nos à situação em nos sentimos suspensos.<sup>1</sup>

Ao associar o sereno sentir-se suspenso no nada da angústia de Heidegger ao indiferentismo de Pirro, Bicca demonstra que a história da filosofia não se reduz a uma simples coleção e compartimentação estanque de ideias e correntes filosóficas. O anacronismo aqui, ao menos certo anacronismo, pode representar uma necessidade de primeira ordem da investigação filosófica. Que Pirro seja associado ao “dogmático” pensador alemão, no entanto, não deveria causar-nos tanta estranheza, uma vez que, segundo ninguém menos que Richard Bett, a adotarmos os termos de Sexto Empírico no contexto do auge da luta antidogmática, Pirro e sua atitude sequer poderiam ser chamados de “céticos”, merecendo antes o título nada honroso de ‘dogmáticos’. (p.25) “Pirro, a rigor, não propõe nem uma retirada do mundo nem alguma forma de salvação humana mediante transformação política de acordo com algum tipo de idealização racionalizante. Antes é proposto um modo de presença no mundo, que precisamente reintroduz e salva as aparências, o que se manifesta: seguir os fenômenos equivale a seguir os costumes e regras existentes, aceitar que a conduta seja regulada pelas necessidades da própria vida.” (p.30)

Não é nada fácil perceber em que medida semelhante atitude não equivaleria ao mais puro conservadorismo. No entanto, aproximar-se da vida comum, assentir às aparências enquanto aparências, pode ser o perfeito contrário do abandono ao senso comum, sempre já tão contaminado e poluído de ‘filosofia’ e de normatividades excludentes. É o que fica visível na maneira peculiar com que Sexto Empírico compreende os afetos. “Longe de buscar dominar o afeto como uma fonte possível de vício moral, o cético concede-lhe seu assentimento sem restrições. Ele é algo experimentado passivamente, sendo o critério de ação do cético.” (p. 78) Não ultrapassar a esfera dos afetos torna-se, de saída, um compromisso

---

<sup>1</sup> M. Heidegger. *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 128.

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

prático, posto que o afetivo é o que se pode legitimamente pensar. Nesse sentido, “a tão problemática apatia pirroniana significa, antes de qualquer coisa, um despojamento de toda e qualquer elaboração intelectual do afeto, nunca uma eliminação deste último.” (p.79)

A respeito da questão intrigante acerca das relações entre a filosofia neoacadêmica, o chamado ceticismo acadêmico, e o ceticismo pirrônico, Bicca não deixa de assinalar a divergência entre os intérpretes a respeito da dependência ou independência dos herdeiros de Platão em relação a Pirro. De fato, para alguns intérpretes, o ceticismo acadêmico teria se formado de forma independente, enquanto, para outros, Arcesilau teria sido tributário de Pirro. Nesse sentido, Bicca admite como mais provável não uma influência direta e positiva da figura de Pirro sobre os cétricos acadêmicos, mas antes algo como uma admiração distante e respeitosa desses últimos pelo primeiro. Afinal, se para Pirro a questão que parece tê-lo instigado era de caráter ético-prático, o problema que se encontrava no centro do pensamento neoacadêmico era, sem dúvida, o problema do conhecimento.

Quanto às origens e especificidades do ceticismo acadêmico, movimento que se constituiu a partir do reitorado de Arcesilau, fundador da chamada Média Academia em sua virada cética, Bicca acentua sua originalidade precisamente no que diz respeito à forma como é travada a luta contra a escola filosófica dominante no período: o estoicismo, representado, antes de tudo, por Crisipo, esse grande dialético no dizer de Diógenes Laércio. Mesmo os termos principais utilizados criticamente pelos cétricos acadêmicos: “assentimento”, “representação apreensiva” eram provenientes da escola estoica, o que demonstra que os acadêmicos não faziam questão alguma de possuir uma terminologia técnica própria, na medida em que isto seria um indício de intenção doutrinária e de dogmatismo. Na verdade, o ceticismo acadêmico é inteiramente marcado pela polêmica com os estoicos, sobretudo no que diz respeito à noção fundamental de “fantasia cataléptica”, a referida “representação (ou impressão) apreensiva”, uma representação tal que seria doadora de garantia no conhecimento. No entanto, ao negar a existência de uma tal representação, Arcesilau e os acadêmicos não buscavam demonstrar que não há conhecimento. Os acadêmicos, na verdade, assumiam não ter convicção de que houvesse ou não algum conhecimento seguro, o que é diferente de dizer que, demonstravelmente, não há conhecimento. É preciso admitir que em face da definição estoica do sábio como um ser infalível, o ceticismo acadêmico representou uma reorientação decisiva, uma vez que compreendia o sábio “como o buscador incansável de uma verdade inapreensível no fluxo das representações e dos argumentos humanos.” (p.184)

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

A polêmica com os estoicos, iniciada por Arcesilau, chega a seu auge, sem dúvida, em Carnéades. Trata-se de um movimento extremamente interessante que busca responder, de maneira criadora, à crítica estoica de inatividade endereçada aos cétricos. Segundo nos diz Bicca, “Carnéades soube enxergar na *práxis* um ponto vulnerável na postura cética e muito dedicou-se a compensar, de algum modo, essa fragilidade.” (p. 194) Em vez de recusar todo e qualquer assentimento como requisito da ação, tal como já havia feito Arcesilau, o que o levava a ter de admitir os impulsos ou instintos (a natureza) como fatores determinantes (o famoso *eulogon* não funcionando como um critério que preceda a ação, somente justificando-a depois que ela está realizada), Carnéades concede que um ‘assentimento fraco’ seja, de fato, requisito para a ação, ainda que na forma de uma inclinação provisória. Para ele, seria possível “aprovar” ou “seguir” uma impressão de um modo que não signifique assentir a ela. A rigor, nada mereceria assentimento forte. É assim que Carnéades pretende, ao mesmo tempo, manter-se cético e superar a crítica de inatividade, sem contudo proceder à maneira dos pirrônicos que, no dizer de Sexto, “aderindo às coisas aparentes, vivem em observância às regras da vida cotidiana sem sustentar crenças dogmáticas, uma vez que não podem ficar inteiramente inativos.” (p. 192) Sobre a inovação oferecida por Carnéades, Bicca faz duas observações importantes: de um lado, permanece algo obscuro essa “aprovação” que não é um assentimento. De outro lado, a defesa da teoria da *phantasia pithané* mostra-se incompatível com a postura exigida de um cético radical, uma vez que o *pithanón* parece constituir uma doutrina com a qual Carnéades estaria comprometido. Por mais que tenha se esforçado em salvar o ceticismo da crítica de *apraxia*, Carnéades demonstra ter chegado a um certo limite no interior daquilo que lhe permitia o quadro conceitual estruturado pelo estoicismo. Bicca parece sugerir que foi somente no chamado pirronismo posterior que uma verdadeira solução foi encontrada para o problema da ação, e isso à medida que o cético não vive de acordo com o raciocínio filosófico, com respeito ao qual é inativo, mas sim escolhe algumas coisas e evita outras de acordo com a prática não filosófica. (p.194) É o que diz Sexto Empírico num importante trecho de *Contra os moralistas* (AM, XI, 162-167) citado por Bicca. (p. 194) Ao desafio da prática seria preciso responder praticamente.

Precisamente nessa direção prática encaminhou-se a contribuição do chamado pirronismo posterior, em sua forma assumidamente dialética, nos 10 *tropos* de Enesidemo (sec. I a.C), resumidos por Fócio, um bizantino do século IX, patriarca de Constantinopla, e nos 5 *tropos* de Agripa, apresentados por Sexto Empírico nas *Hipotiposes Pirrônicas*. Os

Moraes, Francisco

Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)

*tropos* ou modos, nos diz Bicca, “são argumentos pelos quais alguém pode ser conduzido a suspender o juízo.” (p.220) Ademais, “tropos”, no grego comum, significa *modos*, maneiras – como na expressão “bons modos”, “boas maneiras”. São modos de se conduzir ou comportar-se nesta ou naquela situação, em vista de tal ou tal fim. Aqui, porém, o fim intencionado é a suspensão. Nesse sentido, na linhagem inaugurada por Enesidemo, dialética, enquanto *dynamis antithetiké*, designa, em primeiro lugar, uma prática e uma terapêutica. O pirronismo, diz Bicca, “tem algo de um reação ou resposta a uma experiência intelectual, e não deixa de ter um lado ou uma faceta de casuísmo: para cada caso, uma *sképsis*, um exame próprio, e não alguma receita universal, com pretensão a definitiva.” (p. 261) O cético procura insistentemente retornar ao ponto no qual estamos limitados às aparências. Podemos dizer como as coisas aparecem, mas nunca podemos dizer como elas realmente são. “O critério pelo qual o cético busca viver sua vida é a aparência, ele segue o que aparece.” (p.261) Daí que, para Bicca, o relativista seja um inimigo do cético, e não um aliado. Onde há vitória do relativismo, há derrota do ceticismo. Afinal, onde o cético encontra questões sobre as quais ele tem de suspender o juízo, o relativista não encontra problema algum! (p.225)

Surpreendente é, por fim, a posição assumida por Bicca a respeito da comparação tão frequente feita pelos intérpretes do ceticismo entre o ceticismo antigo e o moderno, na qual se toma por base especialmente o ceticismo cartesiano. À tendência dominante dos intérpretes de reconhecer uma radicalidade maior do ceticismo cartesiano, em virtude da extensão e da amplitude do ato mesmo de duvidar em Descartes, em vista do qual o pirronismo seria até moderado, Bicca responde que tais intérpretes “se esquecem ou não atribuem tanta importância ao fato de que, para Sexto Empírico, o ceticismo é um modo de vida, uma forma de conduzir-se na existência, portanto, uma postura essencialmente prática.” Daí que, sendo o ceticismo um caminho para se levar a vida, “vida que é espontaneamente tomada como inserida no mundo” (p.260), este não tenha como exercitar a dúvida a respeito do mundo. Isso não significa falta de radicalidade ou uma radicalidade menor, muito ao contrário! O pirrônico, ao contrário do que gostam de enfatizar alguns intérpretes, não é um homem comum. Por não restringir-se ao contexto da reflexão filosófica epistemológica, o pirronismo é mais variado em seu raio de ação, uma vez que o interesse pela vida comum alarga o empreendimento de questionar e examinar as teorias alheias. Ademais, é importante lembrar, o pirronismo é descritivo, e não prescritivo. “O pirrônico não planeja ou mesmo “quer” ser

Moraes, Francisco

*Resenha de "Ceticismo antigo e dialética", de Luiz Bicca (2016, 7 Letras/PUC-RJ)*

cético, ele é levado a ser – depois das antinomias com que se defronta. Enfim, o que sucede não é uma decisão preliminar, não é uma escolha de antemão. (p. 260/261)

Para concluir, devemos dizer que o excelente livro de Luiz Bicca: *Ceticismo antigo e dialética* representa não apenas uma contribuição fundamental ao estudo do ceticismo antigo e de suas fontes, mas antes nos ajuda a vislumbrar a radicalidade mesma da filosofia enquanto prática e modo de vida. Depois da leitura, não há como não repercutirem em nós as perguntas levantadas por Bicca logo no início do livro: “Seria o ceticismo antigo alguma causa de desespero diante das situações marcadas por incerteza? Ou será que, inversamente, ele nos ensina a conviver com aquela e nos propõe, de forma surpreendente, assumir as incertezas como condição para uma vida feliz?” (p. 29) Ficamos com a segunda opção.